



Artigos/Articles

A construção linguística de uma paciente de esclerose lateral amiotrófica que se comunica exclusivamente a partir de um dispositivo técnico: análise de uma unidade discursiva.

The linguistic construction of an amyotrophic lateral sclerosis patient who communicates exclusively through a technical device: analysis of a discursive unit.

Cláudia Franklin de Holanda Veras¹

RESUMO

A comunicação oral e escrita é uma das principais formas de contato com a vida social, e, as contingências poderiam interromper esta competência humana de forma definitiva se não houvesse o desenvolvimento da tecnologia ao longo dos tempos. A proposta neste artigo é analisar uma unidade discursiva, observando como a paciente de esclerose lateral amiotrófica (re)constrói a linguagem mediada por dispositivo técnico, adaptado a seus movimentos oculares, única ação muscular do tipo voluntária que ainda permanece ativa neste corpo portador de uma doença neurológica degenerativa progressiva. Karen é uma humana-robô que utiliza próteses para conseguir sobreviver nos aspectos alimentar e respiratório, e, como função não vital, mas primordial a existência humana, a socialização. A comunicação é desenvolvida a partir do uso de um recurso técnico-robótico. Existem alterações nas normas linguísticas neste sistema alternativo de comunicação, mas, em contrapartida, o silêncio obrigatório nos tempos idos em pessoas acometidas de insuficiência motora grave, cedeu espaço a um lugar que interage, e, com a palavra, Karen, a super-humana.

Palavras-chave: Narrativas; ciborgue; mediação, ELA

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro. <https://orcid.org/0000-0002-5356-5449> . Email: claudiaveras@letras.ufrj.br

ABSTRACT

Oral and written communication is one of the main forms of contact with social life and, since differences, could permanently interrupt this human competition, it was not developed or developed in technology two years ago. In this article, we will analyze a discursive unit, observing how the patient with amyotrophic lateral sclerosis (re) constricted a language mediated by a technical device, adapted to his eye movements, the only voluntary muscle action that still remains active in this body that carries a progressive degenerative neurological teaching. Karen is a human-robotic woman who uses prosthetics to survive, feed and breathe and, as a non-vital function, more fundamental to human existence, to socialization. Communication is developed through the use of a technical-robotic resource. There are changes in the linguistic norms in this alternative communication system, but, on the other hand, the mandatory silence in the old days in people with severe motor impairment, gave way to a place that interacts, and, with the word, Karen, the superhuman.

Keywords: narratives; cyborg; mediation, ALS

1. Introdução

O impacto que o primeiro encontro com Karen causou foi de uma fertilidade de sensações e questionamentos que seria impossível não extravasar para além da área da saúde, do universo restrito da clínica da Fonoaudiologia. Nada mais impactante poderia ter acontecido no exercício profissional da pesquisadora e, em uma determinada medida, no universo pessoal também.

Os olhos dela eram os únicos órgãos que exibiam os movimentos que lhes faltavam no corpo inteiro, neles, a vida era intensamente visível. O brilho ágil de suas pupilas comunicava mais que as palavras que estavam sendo produzidas na tela do monitor e dirigidas à terapeuta da fonoaudiologia, por meio de seus olhos, ela produzia quase que inteiramente a sua produção linguística, restando apenas a reduzida expressão facial “administrada” também por eles.

O olhar da profissional da Fonoaudiologia, conta com a idade de cinquenta e três anos, classe média, nordestina de origem. Pertencente a multidisciplinaridade acadêmica, desenvolveu estudos e meios que visam a mobilidade, a justiça social. O mestrado acadêmico foi em Ciências Sociais Aplicadas na Ciência da Informação, pesquisando a mobilidade a partir de transportes públicos comparada a mobilidade de acesso a internet. Em fase de doutoramento a pesquisa continua nas Ciências Sociais Aplicadas, no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Faculdade de

Letras ad UFRJ. Objetiva-se a mobilidade de atores que sejam prejudicados neurologicamente, e que se utilizem de ciborgues para a construção de sua comunicação e socialização. É este lugar que olha o olhar de Karen, que analisaremos em seguida.

2. Olhar que fala palavras e produz mundos

Karen, portadora de esclerose lateral amiotrófica (ELA)² há cinco anos, insistiu por duas ocasiões distintas para que fosse desenvolvido um trabalho fonoaudiólogo com ela em virtude de desequilíbrios das funções de seus órgãos orofaciais. Além do seu endereço ser de difícil acesso, do ponto de vista de mobilidade, o quadro clínico gerava desconforto e mal-estar, um caso desafiador. A consulta foi tratada pela primeira vez no aplicativo de mensagens WhatsApp, e ela com desenvoltura no ambiente da tecnologia, combinou os detalhes do encontro.

A coordenadoria da empresa de saúde de Home Care foi contatada para saber se ela teria autonomia para resolver as questões pertinentes aos atendimentos clínicos, o que foi confirmado com prontidão, então, parecia estarmos diante de alguém produtiva para além da gravidade da doença.

Nesse primeiro momento, não consegui horário para atendê-la na grade de pacientes com distúrbios neurológicos. Além da impossibilidade na agenda, esse quadro inusitado proporcionava um distanciamento natural, pois, a princípio, não poderíamos contar com alguma evolução positiva tendo em vista o caráter degenerativo e progressivo da patologia.

Alguns meses depois veio o segundo chamado, e assim o tratamento de Karen foi iniciado. Não é comum um paciente terceirizado de plano de saúde insistir por um profissional específico, e desta maneira, parecia algo que precisava ser resolvido, ainda que fosse uma simples insistência. Da porta do quarto dava para vê-la, inerte, do ponto de vista do corpo muscular, nada mexia, a não ser a vida que pululava no brilho dos seus olhos verdes que vivamente olhavam na direção da tela do computador. Eles se movimentavam rapidamente, enquanto escreviam uma mensagem endereçada a nova interlocutora.

2 A esclerose lateral amiotrófica é uma doença degenerativa caracterizada pela perda progressiva de motoneurônios ao nível da medula espinhal, tronco encefálico e córtex motor. A perda progressiva desses neurônios afeta todos os músculos do corpo, provocando perda de força e diminuição no tamanho dos músculos afetados. Também pode ser chamada de Doença de Lou Gehrig nos Estados Unidos, Mal de Charcot na França, Doença do Neurônio Motor no Reino Unido. Devido à insuficiência respiratória, o indivíduo pode chegar a óbito em um período que vai de três a cinco anos.

Ela escreve em um notebook adaptado com um sensor ocular, que opera a partir da fixação dos olhos, por um determinado tempo³, nas teclas que representam as letras. Dessa forma, ela constrói as palavras, as frases, os discursos, as narrativas, assim como, da mesma forma, os discursos ininteligíveis, que tanto podem significar uma espécie de ruído técnico, ou alguma alteração no seu frágil e instável estado de saúde.

Frequentemente, é necessária a calibração do dispositivo. Ela precisa, com um de seus olhos, mirar uma espécie de círculo na tela e estourá-lo, dessa forma, ela o terá calibrado eficientemente e posteriormente escrever. Quando ela olha para o computador e escreve, ouvimos o som das teclas produzindo letras, e enquanto as frases vão sendo construídas, a máquina “fala”, com voz robótica, feminina, monótona e arrítmica, o que está escrito na tela do computador.

Os tempos de conversação de Karen, a partir deste dispositivo, são diferentes dos tempos observados entre dois ou mais falantes sem patologias motoras. Na análise dos tópicos e da narrativa no corpo deste texto, será mostrado a minutagem dos diálogos e das narrativas. A pesquisadora para se acostumar a esta nova temporalidade, no início, incorreu em anacronismos que perturbaram o contexto dialógico, posto que a não espera da resposta, que estava sendo produzida com os olhos, proporcionava o lançamento de outra questão enquanto Karen ainda estava a responder o primeiro estímulo linguístico.

As pessoas que interagem, principalmente as que convivem em alguma medida com ela, sabem desta peculiaridade de ter que esperar a resposta escrita, para depois lançar uma nova proposição, ou mesmo repetir o que ela, porventura, não tenha respondido prontamente, ou em alguns casos, anteriormente.

A comunicação de Karen é desenvolvida predominantemente na forma telegráfica. Parece que por conta da demora em escrever e ou responder aos estímulos, ela tenha de sacrificar alguns elementos, principalmente os da sintaxe. Pode ser por motivos de impedimento técnico do dispositivo que faz a mediação de sua comunicação, ou por conta de algum desequilíbrio cognitivo, haja vista que estamos diante de um quadro clínico que envolve uma mulher de 70 anos, portadora de uma patologia neurológica degenerativa progressiva, há dez anos, ou seja, as estruturas que regulam as funções executivas, ou seja, de como o cérebro controla o processamento das informações acessadas, podem estar comprometidas.

Karen, além de precisar do dispositivo tecnológico para desenvolver a sua expressão comunicacional, conta com outras máquinas que assumem algumas

3 O tempo requerido para escrever a letra depende da experiência do usuário, quanto mais tempo olhando menos experiência com o equipamento.

funções vitais de seu corpo, a alimentação é desenvolvida por sonda gástrica e o processo respiratório por meio de ventilação mecânica. Ela não fala, não come e não respira a partir do seu corpo biológico, e, se não houvesse estas máquinas, não haveria vida em seu corpo. O suporte técnico na sua condição clínica atual é vital.

Em termos gerais, ela apresenta função motora apenas dos músculos dos olhos e do cardíaco, os demais encontram-se em paralisia dos movimentos. A sensibilidade nervosa está preservada, ou seja, ela sente o toque em qualquer parte de seu corpo, mas não consegue fazer movimento algum para além dos olhos e, em medida reduzida, movimentar alguns músculos faciais responsáveis pela abertura da boca e o franzimento do rosto.

No seu quarto, onde ela está internada no modo domiciliar, ouvimos o ruído da máquina que faz a ventilação pulmonar, e, às vezes, o equipamento que monitora os seus sinais vitais (oxigenação, frequência cardíaca), quando sinaliza alguma alteração fora do habitual. As máquinas eliminam o silêncio do ambiente, na perspectiva do interlocutor, pois existe a possibilidade de a paciente considerar como silêncio estes ruídos com os quais ela convive durante todo o tempo em que está internada no seu domicílio, como se tivesse incorporado a externalidade como parte do seu corpo biológico.

Então, a questão mulher – máquina – linguagem – mediação – narrativa norteiam este estudo da realidade de outrem, que não é apenas um corpo natural, mas um corpo humano com características peculiares adquiridas ao longo de sua existência. Decidi investigar como pacientes, impedidos do acesso volitivo à linguagem falada constroem as suas formas discursivas, a partir da mediação de um dispositivo técnico que lhes permitem a comunicação a partir de estímulos visuais.

Ela, Karen, antes da ELA, tinha uma vida de filha única, mulher de classe média alta, casada com um engenheiro civil, tiveram dois filhos homens, um deles médico e o outro trabalha com tecnologia. O médico cuida de sua saúde e o filho da parte técnica dos dispositivos de comunicação. Ela desenvolvia, em alguma medida, a profissão de arquiteta na cidade do Rio de Janeiro e, depois, residiu por dez anos no município de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. É importante dizer que ela tem a patologia desde 2011, no que se configura como um tempo médio de vida excepcional, já que a média de vida para esta doença é de três a cinco anos. Há cinco anos ela fez a traqueostomia com objetivo da ventilação mecânica, e iniciou, ao mesmo tempo, o uso do dispositivo de comunicação, o que proporcionou o contato com uma natureza para além do seu corpo físico, o ciborgue. As máquinas permitem a sua sobrevivência, lhes proporcionam a vida biológica e, ao mesmo tempo, a social, que são essenciais à sua existência.

3. Ciborgue humano ou humana (mente) ciborgue

Desde os tempos remotos, em que a história nos permite ter conhecimento, observamos que a espécie humana sempre esteve acompanhada da tecnologia. Os habitantes pré-históricos faziam uso dos utensílios e ferramentas para sobreviver em seus lugares de moradia ou de circulação. Com o passar do tempo, as técnicas e os métodos se aperfeiçoaram e auxiliaram os seres humanos a tornarem a sobrevivência menos difícil por conta dos artefatos. Os objetos e utensílios criados e utilizados indicavam a nossa dependência do meio externo, da relação que teríamos de estabelecer tanto com os nossos semelhantes e outros seres vivos, quanto com as coisas produzidas pelo próprio humano de uso no cotidiano.

De acordo com Michio Kaku (2001:18), o conhecimento humano, inclusive o científico, gerado nos últimos tempos foi bastante expressivo, que alcançou um patamar mais robusto do que o visto em toda a existência dos humanos no planeta. As tecnologias digitais emergentes desde a segunda metade do Século XX permitiram que o território da mente fosse visitado com a profusão de informações acessadas, processadas, guardadas em memórias técnicas auxiliares, removíveis e intercambiáveis. A união da cibernética às telecomunicações deu início ao processo da internet, surgiu a rede mundial de computadores que une pessoas antes separadas por dezenas de milhares de quilômetros de distância e, assim, teve início o processo de globalização na maior parte do planeta. A internet mudou a noção espaço-temporal do contexto analógico, no território da rede mundial os mercados financeiros não param para descansar, as vendas podem ser feitas a todo o momento e a logísticas operam sem descanso a fim de otimizar o processo produtivo da fabricação e dos serviços. Podemos falar que estamos vivendo em um novo paradigma em que elementos do mundo no qual vivíamos no século passado, antes da extinção da guerra fria, podem não ter mais valor econômico, social e relacional.

A revolução tecnológica da atualidade provoca efeitos mais impactantes nos universos psíquicos, sociais e culturais do que a invenção da prensa de Gutenberg nos tempos idos; principalmente pelo fato de que a distribuição do conhecimento e da informação ser desenvolvida por uma plataforma que proporciona um alcance imediato aos lugares mais recônditos, do ponto de vista planetário, de forma ágil, veloz, mais célere do que os produtos materiais que resultaram da prensa de Gutenberg, que dependiam e dependem da materialidade do tempo e do espaço para se configurarem como produtos.

A palavra ciborgue nasceu na década de 1960, desenvolvida por Manfred Clynes e Nathan Kline, que, do ponto de vista etimológico, é a junção de cyb(ernetica)+org(anismo). Portanto, a gênese da palavra já a caracteriza como uma mistura entre naturezas distintas, a noção de multiplicidade compõe o autômato que vai acoplar a uma outra parte pertencente aos seres vivos. Dessa maneira, a noção do indivisível não binário é inquestionavelmente preponderante, posto que abrange a função, a utilidade e em alguns casos, a possibilidade de existência, de vida.

Clynes e Kline atribuíam em 1960 a existência do ciborgue para entender como seria possível a sobrevivência do humano no espaço em condições tão adversas e hostis às da Terra. Nos anos 60, foi feito um experimento com um rato interligado a uma máquina que lhe injetava substâncias que lhe permitiriam sobreviver por um determinado tempo na atmosfera. O humano assim, seria dotado de extensões da tecnologia produzidas por eles mesmos, para que o resultado pudesse tornar possível a vida em outros meios, que, sem a participação do ciborgue seria impossível. Portanto, novos mundos poderão e podem ser experienciados a partir de seres complementares, que tornam possível um acontecimento, um fenômeno, a vida.

O conceito de ciborgue rompe a dependência compulsória do ser vivo ao meio externo, o ciborgue dota o ser vivo de uma nova competência, ou complementa a função alterada, de forma parcial ou completa, num jogo de parceria que visa otimizar algum objetivo, muitas vezes, de importância vital ao organismo vivo.

Os corpos atuais são compostos por máquinas, imagens e informações. O aspecto biológico está contaminado pela cultura tecnológica que lhe oferece uma nova configuração com limites compatíveis aos desenhos tecnológicos. As próteses, permanentes ou temporárias, são variáveis constantes no corpo biológico, vão de uma restauração no dente até chips implantados no cérebro, passando por prolongamentos técnicos que estendem o corpo conforme o objetivo do ciborgue, ou mesmo a interferência na subjetividade pelo padrão da tecnologia da rede mundial dos computadores que proporciona um amplo leque de acesso as informações e estes estímulos influenciam na atenção do usuário.

Quando falamos em ciborgue, nos transportamos a filmes ou a séries de cinema ou televisão, mas estes organismos estão mais frequentes na vida real do que costumamos geralmente lembrar, ainda que nem saibamos da companhia deles, pois imaginamos a partir da ficção que seja uma prótese com autonomia de corpo e cognição. E no mundo tecnológico da atualidade, as próteses, as extensões técnicas do corpo material, os ciborgues fazem parte do conceito do pós-humano.

Katherine Hayles (1996, p.12) afirma que o pós-humano, o ser que se constituiu juntamente com o desenvolvimento massivo da tecnologia, apresenta uma espécie de “circuito integrado de informações” junto ao material biológico, o “novo” humano é extensivo ao universo cibernético, como se os elementos técnicos se imbricassem aos do ser vivo, tornando-se uma unidade não binária, corpo tecnologizado, diferente das referências puristas, que consideram o par binário humano-máquina, se apresenta com a roupa nova da atualidade (bites entrelaçados ao material biológico) que preza o além do limite da fisicalidade do corpo.

Donna Haraway (1985) valoriza menos os atributos biológicos do corpo humano, as definições binárias de sexo feminino e masculino como determinantes da identidade sexual dos indivíduos, e mais as indefinições categorizáveis pelo que a cultura impõe como posição sexual. Seria a tentativa recorrente da cultura dominante de exemplificarmos o uso reduzido do ciborgue no corpo humano, determinando o que seria máquina e o que seria corpo biológico. O manifesto ciborgue de Dona Haraway, de 1985, é considerado um texto-lenda pelas citações que obteve no período pós-guerra fria, no século XX, e também pelas traduções feitas em mais de uma dezena de línguas, segundo o texto de Katherine Hayles (1996), Haraway, argumenta que o ciborgue é associado instantaneamente à estética militaresca, e visto, principalmente pelo movimento feminista, como um artefato de vigilância, apartado da natureza, e como objeto da tecnologia, símbolo do capitalismo, portanto, um equipamento cultural, construído pela tecnologia. No Manifesto Ciborgue, Haraway afirma que os binômios seriam próprios à modernidade (humano – robô; natureza – cultura; homem – mulher, etc.), que separou a natureza da cultura, como início deste processo de purificação e categorização binária dos elementos, das coisas. Os humanos são seres complexos, constituídos por elementos múltiplos e polissêmicos, e estes, interagem simultaneamente com o ambiente externo, resultando em agenciamentos que se adequam, na maioria das vezes, a forças culturais. Segundo a autora, somos e vivemos em ambientes híbridos, onde as fronteiras são irmanadas da mesma substância, ainda que de diferentes naturezas, justificando a aceitação do robô, do organismo cibernético como uma espécie de prolongamento do corpo humano, um organismo integrado ao funcionamento de partes com deficiência de autonomia biológica, e não como uma prótese inanimada, utilizada para restaurar uma função não mais possível de ser realizada espontaneamente pelos segmentos vivos corporais.

Lucia Santaella (2004) infere que a palavra prótese é largamente conhecida como uma extensão do corpo humano que, na maioria das vezes, é visível, ela observa que:

Embora a palavra “prótese” seja bem funcional para caracterizar as extensões tecnológicas do corpo, a meu ver o significado dessa palavra ficou muito colado ao aspecto visível das extensões, ideia que busco evitar, visto que, cada vez mais, as extensões estão aderindo à fisicalidade de nossos corpos e habitando seus interiores, indicando uma tendência para se tornarem invisíveis e mesmo imperceptível (2004:130).

O objeto de minha pesquisa, da qual este artigo é um desdobramento, seria a observação das unidades discursivas construídas a partir da mediação da linguagem, escrita e falada, por intermédio de dispositivos da tecnologia, ou seja, a “prótese” invisível, que produz material linguístico, não é imediatamente associada a(o) portador(a), portanto não existe a materialidade visível no primeiro momento, mas é impossível não perceber que a comunicação é mediada exclusivamente pelo dispositivo. A corporeidade da prótese não é visível do ponto de vista físico, mas os efeitos provocados na linguagem e na forma de comunicação do indivíduo é objetivamente visível, ainda que de forma imaterial, ou seja, na interação social, o ciborgue comunicativo salta aos olhos do interlocutor de maneira contundente.

Para além da prótese comunicativa, instalada por conta da supressão da função motora da maioria dos seus músculos corporais, inclusive os responsáveis pela fonação, este distúrbio neurológico de ordem motora provocou a insuficiência respiratória por inação dos músculos associados a esta função, e por conta disto, houve a necessidade de compensar este prejuízo pela ventilação mecânica. De importância vital, ela também utiliza a sonda gástrica que substitui a alimentação por via oral, esta sonda faz a mediação do alimento líquido até o seu estômago. A sonda é uma prótese permanente que fica acoplada à sua barriga e o alimento é uma prótese líquida, intermitente, do qual a paciente faz uso, na maioria das vezes, de modo contínuo.

Karen, ao se comunicar, não tem autonomia para extravasar os limites técnicos da máquina, que fora desenhada, segundo, e seguindo limites e diretrizes de seu idealizador, ela “obedece” a circunscrição técnica do dispositivo, que pode limitar a sua potência linguística.

Os ciborgues segundo Thierry Hoquet (2011:39) não estariam inseridos no duplo que a antropologia insiste em colocá-los, no princípio, depende da criação humana, mas logo em seguida, se emancipariam numa espécie de “cosmo expandido”, pois cada um destes modelos partiria de uma inteligência humana, que transcenderiam o criador, ao fundar escritas de performance em alteridades diversas, que reproduziriam o projeto piloto, é como se o projeto inicial “ganhasse asas” e o seu domicílio não fosse mais tão somente no lugar de criação.

A teoria de Bruno Latour, de ator rede (TAR), considera que a mediação técnica desenvolvida entre humanos e não humanos seja um processo não

dualista que se constrói de forma simétrica (importância iguais entre as partes) e que não privilegia a purificação, a separação do humano do técnico, ou das formas não vivas, na sociologia das associações (Latour, 2012: 23). Os limites da dominação humana ou dos artefatos são delineados a partir da interação, e não há como determinar o resultado previamente, posto que no fim do processo pode ser impossível saber a predominância de um ou do outro.

Segundo Santaella (2015:170), na relação entre os sistemas híbridos de Latour existe uma questão a ser discutida envolvendo a intenção e a causa na mediação técnica, pois o autor não acredita no determinismo da máquina sobre o humano, e nem do humano sobre a máquina, partindo do pressuposto que a máquina foi idealizada e construída por humanos, portanto a autonomia técnica estaria na esteira dos domínios da inteligência humana. Para ilustrar essa questão, Latour (1994a:30) observa que uma arma de fogo nas mãos de um ser humano pode alterar a sua conduta, conferindo-lhe um poder a partir da posse deste artefato. Ainda que uma pessoa, normalmente, não tenha instintos violentos, ela pode ser levada a mudar a sua ação pela posse de uma arma. Da mesma forma, a arma sem a companhia de humanos é simplesmente um objeto que não seria risco iminente tal como o é acessado por seres vivos dotados de consciência. Dito isto, pela ótica de Latour (1994a:30), chegamos ao ponto que o humano e o artefato são coinfluentes.

Karen, ao afirmar que o seu dispositivo de comunicação é perfeito do ponto de vista linguístico, seria um dos agentes de coinfluência, posto que, provavelmente, o uso contínuo deste artefato tenha modificado as suas expectativas anteriores e atuais nos processos comunicacionais. A convivência contínua com o seu dispositivo de comunicação pode ter alterado a sua percepção de linguagem escrita, até mesmo considerando as limitações linguísticas da máquina e os frequentes colapsos na produção de discursos que contenham significado. De um ponto de vista exterior a ela, de um entendimento alheio às suas intenções sociais e comunicacionais, entendemos que a sua posição positiva quanto ao artefato pode ser relacionada à aderência de sua porção humana ao ciborgue, naturalizando e humanizando, assim, o que é possível dentro do universo da máquina.

O que teria mais influência na correlação humano e técnica, o ser vivo ou a máquina? O artefato estaria carreando intenções do projeto de poder ao desenvolver as suas funções prometidas, ou a sua intencionalidade subjacente é derivada, em parte, da mesma origem, ou seja, da ação humana mais o poder, combinados com elementos individualizantes de cada ser? Em quaisquer destas perspectivas observamos que pode ser impossível entender esta relação com o olhar dual, de forma purista ou binária, haja vista que o humano e a técnica se confundem em uma nova unidade que difere dos seus estados iniciais antes da interação.

Walter Benjamin (1992: p.189) afirma que existe a língua dos homens e a língua das coisas, os objetos possuem uma linguagem intrínseca ao significante, a comunicação entre ser vivo e objeto se faz pela experiência, seria uma espécie de linguagem imaterial que tangencia ou vivencia de forma plena o contato com o artefato. Os objetos, segundo Benjamin, comunicam através da mediação da língua, tendo como meio a linguagem, denominado de *meter*, indicando a veiculação da ideia linguística, e o *medium*, as propriedades “técnicas” do meio, por exemplo, os meios gasosos, líquidos, sólidos, ou, traduzindo mais ainda, mediados pelas idiossincrasias dos seres humanos, não entendidas pelas características genéticas e culturais em separado, mas por elementos múltiplos identitários que constituem cada ser humano. O *medium* no ambiente tecnológico poderia ser demonstrado pelas peculiaridades de cada mídia social, como, por exemplo, a limitação de caracteres (Twitter), ou mesmo quando a conduta é induzida pelo direcionamento dos algoritmos em determinado território, onde, por exemplo, a discórdia deve ser evitada, e a superficialidade valorizada, do ponto de vista de interação social (Facebook).

Então, não parece pertinente atribuímos importância soberana ao humano, e desconsiderarmos o protagonismo dos agenciamentos que ocorrem entre as duas partes, entre o ser vivo e os artefatos. As duas partes complementam-se em medidas personalistas, tanto o ser vivo quanto o objeto podem variar em importância, em uma relação de forças que se modelizam no processo interacional. Entendemos que o protagonismo humano deva ter prevalência sobre o dos artefatos técnicos, posto que, inicialmente, a ideia, que compreende a função, o uso e o desenho do dispositivo são desenvolvidos por seres humanos, mas no uso em si, das funções disponibilizadas pela máquina, é possível existir a centralidade no objeto técnico, como no caso da paciente, completamente dependente, do ponto de vista da comunicação e do acesso a informação, lazer, alarmes de socorro etc.

O ator é protagonista de si enquanto traduz a ação de outrem e ao mesmo tempo influencia a outriedade a realizar algo. Segundo Santaella (2015:169), actante é “aquele que faz o outro fazer”, na junção de seres animados e artefatos, com valores e importâncias negociados no ato da interação, que considera as características próprias e as possibilidades de indicar modulação nos valores de relevância em cada um destes elementos no dado processo. Cada relação entre os atores híbridos é singular, posto que fatores externos ao processo podem influenciar nos resultados e teríamos de considerar que as condições inerentes de cada ator mudam a todo o momento nas interações, portanto é imprescindível a consideração da unicidade dos encontros.

Latour (1994a, p.30-31), o conceito de actante desconstruiria as categorias binárias encontradas nas classificações modernas da epistemologia como cultura – natureza, sujeito – objeto. O autor se distancia do campo sociológico

quando a partir da antropologia simétrica, que se ampara na “igualdade” das proporções dos seres vivos e “coisas”; no agenciamento entre humanos e objetos, na associação entre os actantes, entre elementos de naturezas distintas, que influenciam nos meios e fins destas relações, e quando entende a importância das associações no processo de mediação, no universo molecular dos encontros.

4. Metodologia

Desenvolvi um estudo de caso como forma analisar a narrativa de uma paciente com restrição motora no corpo inteiro e que se comunica a partir de estímulos visuais. A partir do universo da paciente em estudo, que está na fase final da patologia, faremos aportes teóricos que envolvam os dois eixos de análise: a linguagem escrita da paciente, a partir do significado e do significante nas transcrições das unidades discursivas, bem como explorar a interação e importância do ciborgue na dinâmica da comunicação, como mediador e tradutor dos processos da linguagem escrita na tela do computador da paciente.

Tendo em vista os ethos que se embricam e sendo impossível desconstruí-los ou isolá-los em maior ou menor intensidade nos discursos a serem analisados, é importante antecipar, aqui, a importância destes lugares na construção das narrativas das duas interlocuções. As marcas identitárias merecem relevo ao se analisar a expressão comunicacional, podem ser úteis no processo de análise das formas discursivas, tanto por parte de quem a pesquisa, quanto pelo leitor, que pode fazer as suas inferências a partir das suas próprias características de identidade, no lugar do terceiro, da terceiridade.

Quando a comunicação é desenvolvida por alguém, a intenção que motiva o agir comunicacional é a interação com um ou mais sujeitos, portanto, as relações sofrem influências diretas e indiretas dos meios que mediam e, também, do sujeito da recepção da mensagem, da sua constituição subjetiva, do espaço-tempo do momento do encontro. Diante desta multiplicidade de forças ativas no momento da sessão de atendimento de fonoaudiologia, surgiu a pequena narrativa a ser analisada, bem como o pequeno trecho discursivo produzido na interação.

Os três atores interagem de forma simétrica, sem sobreposição de predominância de nenhum dos protagonismos no resultado observado. As singularidades dos atores envolvidos neste processo interacional sofrem influências do contexto cultural dominante, inerente aos seres vivos e aos objetos, modeladas o tempo todo pelas subjetividades que não param de se

produzir e de se reproduzir, de se diferenciarem para além da relação pesquisadora e pesquisada.

O não fazer a entrevista formal, o dispensar do aparato formal antecipado, o não saber do momento em que vai acontecer a narrativa, pode proporcionar uma não contaminação da narradora e da pesquisadora pelos “elementos” do preparo, influenciadores da espontaneidade, favoráveis ao planejamento prévio do que dizer e como dizer. Acreditamos que a não comunicação prévia contribui para a menor interferência de fatores internos e externos ao que vai ser “contado”.

É salientada, propositalmente, a diferenciação no tipo da letra quando Karen se comunica, esta substituição é representativa da produção comunicativa desenvolvida pela voz “ciborgueana”. A letra é do tipo “**IMPACT**”, a mudança na tipologia da fonte intenciona indicar que a máquina está emitindo a “fala”.

Outro detalhamento peculiar nesta transcrição de mini narrativa, é a marcação dos tempos dos diálogos, que intenciona demonstrar ao leitor, a materialidade do tempo da produção das emissões escritas por estímulos oculares da paciente, bem como os tempos das pausas, que podem indicar que ela possa estar pensando no que irá responder, ou está em processo de organização de sua escrita para que a interlocução receba a sua mensagem de forma produtiva.

E por fim, mas sem significar o esgotamento das questões pertinentes a este tópico, a transcrição foi realizada fielmente de acordo com a emissão dos interlocutores, inclusive as alterações na grafia e em elementos que compõem a linguagem escrita portuguesa.

5. O agora do aniversário que já aconteceu

Karen	Olha o meu bolo 15'27
Cláudia	Ai, que lindo Karen, clica em cima dele para aumentar mais, será que aumenta? 15'39”
Cláudia	Hum, que lindo ?15'46” Ah, então teve muita gente, né? Teve muita gente? 15'54”
Karen	Só convidei pessoas 17'36” Só convidei pessoa 17'41”
Cláudia	Só uma pessoa com aquele bolo enorme? 17'46”

Karen	Só convidei 15 17'47"
Cláudia	Ah, mas está bom, né? Pra não dá aglomeração no seu quarto, inclusive. 17'52" Ah, você foi lá para a sala? 17'55"
Karen	Só convidei 18'07" Só convidei ia forra 18'40"

O aniversário para Karen pode ser um acontecimento extraordinário porque, além da data comemorativa de mais um ano de vida, a comemoração dele, envolvendo o convite de quinze pessoas envolve uma organização prévia que muito provavelmente ela tenha feito questão de tomar a frente. Desde a escolha do que servir, a lista de convidados, o lugar da comemoração, o staff responsável pela bebida e comida, até qual das técnicas de enfermagem a lhe acompanhar. No Natal passado acompanhei de perto todo o planejamento e execução das ações para o jantar em família. Até a hora do táxi especial para lhe buscar ela determinou. Não seria diferente no dia de seu aniversário.

William Labov (1972) afirma que a reportabilidade é condição essencial na narrativa, é necessário que o que vai ser contado apresente algum elemento que prenda a atenção do interlocutor por ser algo não habitual, do cotidiano.

No caso desta pequena narrativa sobre o aniversário da paciente, vemos que ela convidou pessoas e que o aniversário aconteceu na sala. Em função do que foi narrado, imediatamente vem algumas questões, tais como: de que forma ela convidou as pessoas para comerem o bolo? Outra curiosidade possível é de que maneira ela foi para a sala, visto que ela não tem mobilidade de ordem motora? Como foi a interação dela com os quinze convidados? Ou como as pessoas conversam com ela por intermédio do dispositivo?

Margaretha Järvinen (2004, p.46) argumenta que que a perspectiva do presente, de fatos acontecidos no passado, não segue a sequência linear do tempo, existe uma subversão do entendimento cartesiano, de como o fenômeno é visto, em detrimento das experiências (internas e exteriores ao sujeito) acontecidas ao longo do período de tempo decorrido entre os dois momentos. O passado quando olhado a partir da perspectiva do presente sofre afecções das condições inerentes ao sujeito, e da mesma forma é influenciado pelas características de mundo da atualidade. Este processo imbricado que envolve passado e presente, tanto é modificado pela ação do tempo decorrido, bem como pelo tempo atual, no presente contínuo, que pode modificar o presente atual, da mesma forma que faz outra leitura do passado, naquele lugar do tempo ido que aconteceu o fenômeno, que é atualizado constantemente.

Acredito que o conceito de perspectivismo, egresso da antropologia simétrica, é interessante e utilizo-o tomando aqui a liberdade de poder fazer uma complementação da linguística sócio interacional a partir dos pontos de vista dos atores envolvidos, posto que os elementos do universo cultural, social e pessoal dos atores em correlação, estão o tempo inteiro produzindo os encontros, ainda que estas relações não sejam desenvolvidas somente entre seres humanos ou seres vivos, mas considerando que os objetos tem uma língua intrínseca segundo Benjamin, que pode impactar a conduta dos seres vivos.

Na fase pré-colonial, podemos encontrar a noção de perspectiva na relação ou correlação entre caçadores e a caça, segundo a abordagem de Eduardo Viveiros de Castro (2002), desenvolvedor do conceito do perspectivismo, situado na antropologia simétrica, que atribui valores iguais, não hierárquicos, no impacto dos encontros dos corpos humanos, dos seres vivos, bem como dos objetos.

Eduardo Viveiros de Castro (2002:258) desenvolve o conceito do perspectivismo nas sociedades ameríndias, mais especificamente na relação dos xamãs e os espíritos, animais, artefatos, aspectos meteorológicos, entre outros.

Portanto, quando Järvinen (2004) atualiza o passado no agora do narrador, podemos considerar as correlações entre os seres vivos, na diversidade das espécies, bem como os artefatos ou os objetos que compõem a experiência de mundo deste sujeito. As interações com os diversos mundos que existem no próprio mundo, como os encontros que desenvolvemos frequentemente com os mundos interiores que vão se desvelando a nossa consciência ou revelia devem ser considerados neste universo das interações.

As pessoas que utilizam os dispositivos comunicacionais como forma única e possível de interação com o mundo externo considerariam esta prótese como parte integrante de seu corpo, assim como o aparelho fonador que também em algum momento da nossa existência como humanos foi adaptado para funções comunicativas a partir do sistema respiratório.

Karen, pode ser vista como uma pessoa constituída por próteses e por partes biológicas e seria normal estranhar esta condição física, bem como a forma dela se comunicar, mas, aqui surgem questões de interesse: é possível que a própria paciente ainda estranhe esta nova condição de vida que nem tão nova é, diante dos cinco anos de patologia? Como será que ela se sente?

Portanto, assim como o tempo passado, presente e futuro podem ser entendidos no agora a partir da perspectiva do presente; a ligação dos seres vivos aos não vivos, e, no caso da pesquisa (a parte humana e a não humana são acopladas) tem múltiplas possibilidades de visadas para além do olhar

antropocêntrico, postura frequente na epistemologia anterior ao momento da virada linguística.

6. Humana ainda que robótica ou o robô também sou eu?

Linde (1993), argumenta que as histórias de vida permitem aos narradores se construírem identitariamente em cada encontro, nas experiências pessoais, que são oportunidades para o contador de suas histórias dizerem quem são, ou no que se tornaram, a partir da narração das suas histórias contadas a alguém. O ouvinte, a outra parte do diálogo, influencia com a sua presença ainda que esteja em silêncio, pois compromete o enunciado, a partir do momento que as unidades narrativas estão sendo produzidas em interação.

Quando Karen fala do aniversário para 15 pessoas e diz “Só convidei 15”, em tempos de pandemia, quando não se pode fazer reuniões fora do eixo familiar, a princípio, e no caso dela, que é paciente de alto risco se contrair a COVID-19, ela pode estar querendo dizer que é uma pessoa sociável e ativa, ainda que não tenha os movimentos motores. Ela, também, pode estar se posicionando politicamente por conta da sua ideologia de extrema direita e esta postura significa ignorar os apelos ao distanciamento social e pode significar, ainda, que o risco vale pela alegria dos encontros.

Em meu diálogo com ela, solicitei que aumentasse a imagem do bolo para uma melhor visualização. O pedido foi ignorado, talvez por falta de conhecimento técnico, ou mesmo em função de ela querer falar de outros aspectos referentes à comemoração, ou outros motivos diferentes destes mencionados.

Repeti que o bolo é bonito para diminuir os silêncios provocados pela sua escrita lentificada, ao mesmo tempo que reforcei o interesse pelo tema, estimulando o desenvolvimento da narrativa. Aqui sinalizei a presença da terapeuta e da pesquisadora que ao mesmo tempo estimula Karen a produzir a narrativa e a exercitar processamento dos estímulos cognitivos.

Catherine Riessman (1993:8) afirma que o pesquisador precisa entender que a representação da experiência não pode ser fidedigna, pois a comunicação da mesma sofre interferência de como ela é expressada. A experiência se faz no acontecimento, então Karen, a meu ver, por conta das limitações de sua comunicação, faz uma espécie de edição do que dizer e o que dizer para se construir enquanto pessoa e, por último, mas não menos importante, o que dizer à interlocução que representa um conjunto de signos culturais e sociais e o ethos da profissão.

Branca Fabrício (2006b) argumenta que nos processos narrativos o sujeito se posiciona levando em consideração traços da cultura tais como: ideologias, crenças, expectativas socioeconômicas e outros fatores que interferem diretamente na construção das identidades em jogo.

Prossegui a interação verbal com Karen e lhe perguntei se tinha muita gente, repeti a pergunta e aguardei que ela respondesse. Nesse intervalo, uma técnica de enfermagem veio perguntar algo, e, Karen parou de escrever momentaneamente para saber o que estava sendo tratado. Quando a moça saiu do quarto, ela continuou a escrever e disse que convidou “pessoas”. As interrupções no processo narrativo influenciam a fluidez da própria narrativa do ponto de vista exterior, da observação, e acredito que internamente, possa ocorrer alguma alteração de alguma natureza.

Frequentemente, Karen escreve palavras com pequenos erros que não impedem a interpretação do sentido global. Valorizo estas alterações na grafia das palavras para que a compreensão dos fatos não seja deturpada. Quando ela diz que convidou “só pessoa”, a insistência em saber o número de pessoas convidadas, é pelo espaço reduzido de seu quarto que não comporta mais de três pessoas e para que ela possa estender a sua narrativa fazendo uso da sua cognição.

Karen normalmente escreve por fragmentos, como está no excerto do quadro da transcrição. No último fragmento de sua narrativa, no excerto 2, ela escreve “só convidei”, depois ela aproveita o que já está escrito na tela do computador, o “só convidei”, e acrescenta “ia forra” que é uma indicação que comemoraram fora de seu quarto. Para ela escrever o “ia forra”, que quer dizer “lá fora”, levou 33 segundos, que é um tempo longo para o seu ritmo de escrita ocular. Quando ela está cansada a escrita vem carregada de pequenos erros e, não muito raro, ela adormece durante a escrita de algo.

7. Considerações finais

O discurso analisado neste artigo indica, de forma incipiente, a produção da linguagem de Karen ao utilizar o suporte técnico para se comunicar e interagir com o mundo social. A paciente é um ser constituído por naturezas diferentes, segmentos, ao mesmo tempo, pois as próteses compõem o seu corpo lhes proporcionando sobrevivência, comunicação e informação. No tangente a observância dos aspectos linguísticos a partir do dispositivo comunicacional, pode-se inferir que a sua produção escrita sofre interferência primeira do seu estado de saúde. As alterações na grafia podem ser relativas aos tempos assimétricos de emissão vocal de seu interlocutor, que é mais rápido, e a sua resposta escrita com os olhos, que é, obviamente, tornada mais lenta pelas

questões da patologia e pela técnica que a permite escrever uma letra por vez. Pode ser que esse processo comunicativo lhe gere ansiedade ou, para que a pessoa não espere muito pela resposta, ela resolva eliminar algumas palavras acessórias que não tenham muita implicação no significado de sua intenção discursiva. Eu apostaria em uma oferta de conteúdos de significados semânticos como possibilidade intrínseca ao seu equipamento técnico, que poderiam lhe auxiliar numa comunicação mais robusta e ágil. Acredito que alguns incrementos de ordem técnica poderiam impactar de forma positiva as interações sociais, concomitantemente a sensação de pertencimento.

A partir da análise, é possível perceber que Karen utiliza com maestria o recurso tecnológico disponível e, pelo seu uso, expressa o gosto pela vida, de se relacionar com o mundo exterior, consegue realizar a ingerência administrativa de seu lar e consegue participar de universos distintos ao da patologia que lhe acomete. No excerto analisado (e em outros textos realizados por ela), ela não menciona restrição a qualquer demanda em função de seu estado precário de saúde. Na verdade, pode-se dizer que ela não se vitimiza em momento algum, ao contrário, ela se posiciona em um lugar de autonomia e decisão sobre a sua própria vida.

O manejo do aparato tecnológico por Karen é feito com relativa facilidade, eu considero que o estado de saúde influencie diretamente as suas produções linguísticas e para efeito de investigação, *a posteriori*, relacionarei algumas lacunas técnicas que poderiam ser otimizadas pelo campo da ciência da computação. Uma destas brechas é imbuir o sistema técnico de possibilidades, de por algum sinal que represente emoção nas construções linguísticas, diminuindo ou eliminando as características monótonas, de mono tom, em uma voz robótica sem inflexão das frequências graves, agudas e médias.

Outra possibilidade é a diminuição da tendência ao discurso telegráfico, que pode restringir o viés impessoal do dispositivo na medida em que o sistema comunicacional possa completar ou oferecer alternativas de discursos mais ricos em termos de sintaxe e de poética. Outra sugestão no campo técnico é a possibilidade de o dispositivo fazer a distinção dos vínculos de familiares, de amigos, de conhecidos, de prestadores de serviços e outros, o que pode diminuir os tempos de organização das unidades discursivas e o tempo de resposta aos estímulos externos.

Referências Bibliográficas

BASTOS, L.C.; & BIAR, L. A. 2015 Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. Lisboa: *D.E.L.T.A.*

- BASTOS, L.C. & SANTOS, W.S. dos. 2013 A entrevista na Pesquisa Qualitativa – Perspectivas em análise da narrativa e da interação. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ.
- BASTOS, L.C.; & BIAR, L. A. 2015 Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. Lisboa: D.E.L.T.A.
- BENJAMIN, W. 1992. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana. Lisboa: Trad. de Maria Luiz Moita. Relógio D'Água Editores.
- FABRÍCIO, B. F. 2006^a. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L.P. *Por uma linguística aplicada interdisciplinar*. São Paulo: Parábola.
- FOUCAULT, M. 2008. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhe. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GAZZANIGA, M.S., IVRY, R.B. E MANGUN, G.R. 2002. Executive Functions and Frontal Lobes. In: Gazzaniga MS, Ivry RB e Mangun GR. *Cognitive Neuroscience: The biology of mind*. New York: WW Norton & Company Inc. p.499-536.
- GEORGAKOPOULOU, A. (2007). *Small stories, interaction and identities*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- HARAWAY, D. 1991 J. Simians, cyborgs, and women. *The reiventon of nature*. Nova York: Routledge.
- HAYLES, K. 1991 “Complex dynamics in literature and science”, in K. Hayles (ed.). *Chaos and order*. Chicago, The University of Chicago Press, pp. 1-36.
- _____. 1996 “Embodied virtuality: Or how to Put body back into the picture”, in Mary Anne Moser e Douglas MacLeod (eds.). *Immersed in technology. Art and virtual environments*. Cambridge, Mass., Mit Press, pp. 1-28.
- JÄRVINEN, M. 2004. Life histories and the perspective of the present. *Narrative inquiry*, v. 14, n. 1, p. 45-68.
- JEFFERSON, G. 1983. Issues in the transcription of naturally occurring talk: caricature versus capturing pronuncional particulars. *Tilburg papers in language and literature* 34: 1-12.
- KAKU, M. 2001 *Visões do Futuro. Como a Ciência Revolucionará o Século XXI*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges.
- LABOV, W. 1972. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LABOV, W. ; WALETSKI, J. 1967. *Narrative analysis*. In: HELM, J. (Ed.). *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: U. of Washington Press.
- LATOURE, B. 2012. *Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba.
- _____. On technical mediation. 1994^a. - *Philosophy, sociology, genealogy. Common Knowledge*, v. 3, n. 2, p. 29-64.
- LINDE, C. 1993. Methods and data for studying the life story. In: _____. *Life Stories: The Creation of Coherence*. New York: Oxford University Press, p.51-97.
- MOITA LOPES, L. P. 2006 (org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola.
- RIESSMAN, C. K. 1993 Introduction: Locating Narrative. In: _____. *Narrative Analysis: Qualitative research methods*. Newbury Park, USA: Sage Publications.
- WEBER, Samuel. 2008. *Benjamin's Abilities*. London: Harvard University Press.



SANTAELLA, L. & CARDOSO, T. 2015. O desconcertante conceito de mediação técnica em Bruno Latour: V. 9 - Nº 1 jan./jun. São Paulo.

Anexo

Símbolos da transcrição da narrativa

	...	pausa não medida
	(.)	micropausa
	(1.8)	pausa medida em segundos
	.	entoação descendente, sinalizando finalização
	?	entoação ascendente
virá	,	entoação contínua, sinalizando que mais fala
	-	corte abrupto da fala
	:: ou :::	duração mais longa do alongamento da vogal
	↑	subida de entonação
	↓	descida de entonação
	Sublinhado	acento ou ênfase de volume
	MAIÚSCULA	fala alta ou ênfase acentuada
	>palavra<	fala acelerada
	<palavra>	fala desacelerada
	- - - - -	silabação
	°palavra°	trecho falado mais baixo
impossível	()	palavra/fala não compreendida - transcrição
	(palavra)	transcrição duvidosa
verbal	(())	comentário do analista, descrição de atividade não
	“fala relatada”	
	hh	aspirações audíveis ou riso
	.hh	inspiração durante a fala
	/.../	indicação de transcrição parcial ou de eliminação
	[]	fala sobreposta



Convenções simplificadas e adaptadas da proposta de Gail Jefferson (1983)
